

Movimentos sociais e Serviço Social: protagonismo ético-político de mulheres

Social movements and Social Service: ethical and politician protagonism of women

Clair Ribeiro Ziebell¹

ssassessoria@netu.unisinos.br

Resumo. Esse trabalho tem como objetivo o registro e a socialização de uma experiência de assessoria do Serviço social a movimentos sociais em São Leopoldo. Enfatiza a trajetória percorrida por um movimento de mulheres, hoje organizadas no Fórum de Mulheres na cidade (FMSL) e seu protagonismo em torno das políticas públicas de gênero. A análise revela aspectos significativos da participação das mulheres no processo.

Palavras chaves: protagonismo, mulheres, movimentos sociais.

Abstract. This paper has as objective the register and the socialization of an experience of assessorship of the Social Service for social movements in São Leopoldo. It emphasizes the trajectory covered for a women's movement today organized in the Women's Forum in the city (FMSL) and its protagonism around the public politics of gender. The analysis discloses significant aspects of the participation of the women in the process.

Key words: protagonism, women, social movements.

Introdução²

O Serviço Social: Extensão à Comunidade – UNISINOS presta assessoria a movimentos de mulheres em São Leopoldo há mais de uma década.³ Nesse tempo construímos uma caminhada que procurou sintonia com os grupos e movimentos sociais existentes, inserindo-nos no campo dos direitos das mulheres, por serem elas protago-

nistas em múltiplos espaços comunitários localizados na periferia de São Leopoldo, tendo como locus privilegiado de ação, no contexto dos anos 1990, as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). As primeiras demandas desse movimento para o Serviço Social eram um tanto dispersas, heterogêneas e embasadas numa concepção da profissão muito aquém do perfil profissional que, como assistentes sociais inseridas nessa realidade, intentávamos construir.

Nossa concepção, baseada em Lopes, (1999) era de que as(os) assistentes sociais são “sujeitos de uma luta real”-

² Versão modificada da comunicação apresentada na III Jornada de Estudos de Gênero, ocorrida de 08 a 10 de março de 2005, na Unisinos, em São Leopoldo.

³ Nosso conhecimento da realidade das mulheres e aportes sobre o Fórum de Mulheres provém da inserção do Serviço Social, via um dos serviços de extensão universitária da Unisinos, através do qual prestamos assessoria a movimentos sociais. Conforme produções anteriores: Ziebell (2000a; 2000b; 2001) e Ziebell e Consul (2000).



manifesta contra as desigualdades de classe. Nesse contexto buscamos incidir na ampliação do protagonismo social das mulheres, que na época limitava-se ao campo eclesial, ainda que com práticas progressistas. A intencionalidade profissional nessa abordagem, aposta na possibilidade de construção de outra sociabilidade que supere toda a forma de dominação e exploração que gera e é produzida por relações desiguais. Nesse sentido percebe-se os movimentos sociais populares e do campo democrático como estratégicos na transformação das relações sociais que sustentam tais relações.

Respaladas por essa compreensão da profissão, que tem no Código de Ética Profissional seus princípios norteadores, propomos uma relação orgânica com as classes subalternas que, no contexto da experiência em questão, é representada por mulheres de segmentos populares.

Este texto propõe o resgate de parte da experiência vivida e, ainda atual, na extensão universitária, registrando simultaneamente o protagonismo profissional e de alunas do Serviço Social em formação, e a trajetória de um movimento local de mulheres. São assistentes sociais atuando profissionalmente junto a mulheres de movimentos sociais. Relação dialética e desafiadora nesses tempos de capitalismo globalizado e neoliberal, cujos reflexos estão muito presentes no contexto local.

A seguir, desenvolvemos o tema relacionando os processos e contextos em que aconteceu a ação profissional e a mobilização social referida.

O Serviço Social e o protagonismo ético-político de mulheres

Num longo período de inserção nas periferias da cidade, junto aos grupos de mulheres, fomos, no decorrer de um processo de ação-reflexão permanente, desvelando com elas a realidade social excludente em que estavam inseridas, manifesta no cotidiano em múltiplas desigualdades e sob as mais variadas facetas. Dessa relação profissional e da “participação movimentalista” (Doimo, 1995) desse segmento populacional específico surge, em maio de 2000, o Fórum de Mulheres de São Leopoldo (FMSL), como movimento popular na defesa dos seus direitos e que objetiva impulsionar as políticas sociais na perspectiva de gênero. Nesse espaço, elas, *cada vez mais em cena*, discutem a realidade das políticas sociais públicas no município, constatarem sua ausência ou ineficácia, principalmente em relação à violência contra a mulher e de gênero, e demandam assessoria profissional.

Atualmente, priorizamos estrategicamente o FMSL

e o que mais identifica os processos de trabalho por nós realizados é a contribuição que buscamos dar ao empoderamento individual e coletivo desse segmento para que, preservando a autonomia do movimento, elas possam incidir de forma protagonista nas políticas sociais públicas e, a mais longo prazo, na transformação da realidade opressora.

Neste Fórum, o movimento requer, do Serviço Social, assessoria técnica, política e teórica. Na realização de tal assessoria, desenvolvemos os processos de trabalho relacionando-os, prioritariamente, com:

- a) assessoria, pesquisa e sistematização sobre políticas sociais públicas na perspectiva de gênero;
- b) formação e instrumentalização para a educação popular feminista;
- c) mobilização, organização e construção de uma agenda em torno das principais demandas;
- d) apoio logístico para a viabilização da organização;
- e) promoção de eventos e cursos (encontros, formação de redes, preparação de conferências...)
- f) elaboração de subsídios didático-pedagógicos em torno da educação popular feminista e de outros temas de interesse.

Procuramos contribuir no processo que Gohn, (2005) identifica como a “transformação de atores sociais em sujeitos políticos”. Assim, apostamos na força do coletivo na defesa dos direitos conquistados pelos movimentos sociais e feministas, hoje ameaçados de retrocesso.

Como profissionais e com as demais mulheres organizadas em São Leopoldo, aguçamos todos os sentidos para compreender o significado da desigualdade e da discriminação cada vez mais presentes em nossa sociedade, manifestações da *questão social*, em suas múltiplas facetas nesta cidade. Desvelamos o cotidiano com as mulheres, que tem na pobreza e na violência as formas mais cruéis dessa realidade, entendendo ser necessário e urgente ultrapassar essa condição social, apontando estrategicamente para novos rumos, alçando vãos mais altos em direção à liberdade. Sair do casulo, de larva à borboleta. A transformação tem que ser profunda, de dentro para fora e de fora para dentro. É muitas vezes dolorosa, porém, mais do que necessária, é um imperativo ético.

Passando do simbólico para a realidade em que vivem e interagem tantas mulheres, visualizamos muitos rostos e expressões que “bailam” brejeiramente nos mais variados espaços públicos. Pessoas especiais que, sem pedir licença, entraram em cena e, que no coletivo, desejam, imaginam e traçam novos caminhos, alguns até então inimagináveis na cidade. Elas ocupam espaços e, assim, passo a passo, da periferia para o centro, do anonimato para

a visibilidade política (Promotoras Legais Populares, educadoras, agentes de saúde, conselheiras, agentes de pastoral, amigas, militantes de partidos...) protagonizam muitos movimentos.

Denunciam a realidade patriarcal opressora, combatem à violência, solidarizam-se mutuamente, enfrentam a polícia, encaminham situações específicas. Acompanham, por vezes, em carne viva, mulheres como elas, que ainda não têm acesso à cidadania. A letra de uma canção muito conhecida de todas nós, que militamos nas CEBs da Zona Norte, de onde muitas delas são provenientes, comunica bem o que estamos afirmando aqui: “Elas estão chegando, pelas portas e janelas, avenidas e ruelas, elas estão chegando”.

São tantos os rostos e tantas vivências singulares que se cruzam. Cada pessoa com sua história de vida, mas também com as marcas da história da humanidade, sobretudo da história social de tantas mulheres, que em contextos diferentes ergueram bandeiras, empenhando por vezes a própria vida na defesa dos direitos humanos e neles intentando assegurar a inclusão de todas as mulheres. Haja mulheres para continuar essa árdua luta que é a defesa dos direitos humanos sociais, políticos, civis, culturais, geracionais e ambientais, ou seja, a democracia social plena que ainda não possuímos.

Essas mulheres têm nomes, pertencem à uma determinada classe social e trazem as marcas de suas raças e etnias. Assim, vão enfrentando essas desigualdades ao se organizarem em grupos e em vários coletivos, institucionalizados ou não. São mulheres das classes populares, negras, brancas e migrantes, que transcendem o cotidiano desigual pelo protagonismo político, pois não podem mais conformar-se com a exclusão social a que vêm sendo relegadas. Juntas almejam e lutam pela cidadania plena.

No Fórum, têm na defesa das políticas sociais de gênero seu objetivo, que passa pela discussão e definição de suas necessidades práticas (saúde, educação, moradia, trabalho e lazer), não perdendo de vista as necessidades estratégicas que, para Ajamil (1995, p. 31), são assim formuladas:

a partir da análise da subordinação das mulheres em relação ao homem, da qual deriva a identificação dos interesses estratégicos de gênero para conseguir uma organização ou relações mais justas, em termos de sua estrutura e da natureza das relações entre homens e mulheres.

A ação, também estratégica, do Serviço Social neste espaço foi de assessorar essa caminhada das mulheres em São Leopoldo, investindo na pedagogia dos encontros,

experiência que já vinha acontecendo com sucesso nas CEBs, chamados de “Encontrão” de mulheres, conforme detalhamos a seguir.

Trajatória de um Movimento de Mulheres em São Leopoldo

O processo de constituição do Fórum de Mulheres aconteceu na conjugação de vários contextos, envolveu múltiplos sujeitos e organizações populares, conforme é possível identificar nos quadros I e II, referidos na sequência do texto e tem no Curso de Serviço Social, através da Extensão Universitária, um parceiro permanente desde 1992. A seguir destacamos os processos que identificam essa trajetória.

A pedagogia dos encontros como mediação para a organização coletiva

A Cáritas da Paróquia Santo Inácio coordenava, na Zona Norte de São Leopoldo, um evento denominado “Encontrão”, que reunia os grupos de mulheres vinculados às CEBs (Comunidades Eclesiais de Base), no âmbito de ação já referido. Esses eventos constituíam-se em momentos fortes, aconteciam duas vezes por ano e caracterizavam-se por aliar reflexão, socialização de experiências entre os grupos de mulheres e vivências lúdicas muito ricas e criativas.

Os encontros tinham sua metodologia inspirada no método ver-julgar-agir muito utilizado pelas CEBs na década de 1970. Portanto, a reflexão partia do contexto social vivenciado pelas mulheres em suas comunidades na periferia da cidade, tendo na pobreza e na violência a sua expressão maior. A partir da compreensão de que as mulheres têm direito a ter direitos e que essas manifestações da questão social são a negação da Cidadania, propomos a ampliação estratégica desses encontros.

A partir de 1992, tendo o ENCONTRÃO como referência positiva e, por avaliações e reflexões em torno da realidade das mulheres da periferia de São Leopoldo, advindas da assessoria prestada pelo Serviço Social e de aportes do grupo denominado Coletivo de Mulheres, em fase de dissolução na época, ousamos dar outro passo para uma maior visibilidade desse segmento tão importante na comunidade. Surgem os ENCONTROS ANUAIS DE MULHERES, sob coordenação do Serviço Social e em parceria com diversas entidades,

sendo pioneiras: Grupos das Comunidades de Base (CEBs); Cáritas da Paróquia Santo Inácio; Apoio, Solidariedade e Prevenção à AIDS (ASPA); Centro Ecumênico de Capacitação, Evangelização e Assessoria (CECA); Círculo Operário Leopoldense (COL); Programa de Apoio a Meninos e Meninas (PROAME). A esse esforço de ação articulada somaram-se outras organizações, entre elas o Grupo de incentivo ao Aleitamento Materno (GIAM), o Centro Comunitário Infantil Talitha Kum; Pastoral Social, Pastoral Universitária/ NUTTI/CEDOPE (Unisinos), Serviço Social da Indústria (SESI), Serviço Social do Comércio (SESC), Promotoras Legais Populares, mulheres com vinculação a partidos políticos, inicialmente PT e PDT (Ziebell et al., 2003, p.13-14).

A estratégia consistia, agora, em laicizar o movimento. Propomos a articulação das várias organizações e grupos ligados aos segmentos populares que tivessem as mulheres e as políticas públicas de gênero como campo de ação. A periodicidade dos encontros passou a vincular-se ao dia 08 de

março – Dia Internacional da Mulher – e a outras datas de referência para o movimento feminista ou afins.

No Quadro I, pode-se visualizar a trajetória percorrida e, pelos temas tratados, pode-se intuir o processo de reflexão instaurado, que resultou na construção de uma pauta de reivindicações em relação ao poder público e como síntese qualitativa, na criação do FMSL. É a constituição processual em sujeito coletivo, através das lutas, dos encontros e das práticas sociais, como aprendemos com Sader (1988).

Como assistente social e na perspectiva teórica já enunciada e do lugar de quem, como profissional e como mulher viveu intensamente esse processo é que ensaio algumas reflexões em torno da evolução dos encontros que podem ser visualizados no quadro acima.

Um primeiro aspecto a ressaltar é que a idéia dessa pedagogia, materializada na forma de realizar os encontros, partiu da realidade dos grupos de mulheres, de uma experiência que, para elas, fazia sentido. Como referimos anteriormente, era a vivência nas CEBs e na Pastoral Popular que era considerada e analisada. Os eventos tinham, então, como um dos objetivos a realização de processos de educa-

Quadro I – Demonstrativo da evolução dos Encontros de Mulheres em São Leopoldo.

1º Encontro de Mulheres 04/12/ 92	Tema: Encontro de Grupos de Mulheres Objetivos: Proporcionar o intercâmbio e a troca de experiência; Conhecer e valorizar os trabalhos; Resgate histórico do papel da mulher na sociedade. Participantes: mais de 100 mulheres
2º Encontro de Mulheres 26/08/93	Tema: Encontro do Conhecimento da Mulher do Movimento Popular de São Leopoldo. Objetivo: Refletir sobre as formas de organização e repensar a caminhada Participantes: 90 mulheres
3º Encontro de Mulheres 08/ 03/95	Tema: Mulher... Na reconstrução da História Objetivo: Propiciar e fortalecer espaços existentes de resgate e conquista de cidadania Participantes: 100 mulheres
4º Encontro de Mulheres 08/ 03/96	Tema: Direitos da Mulher Objetivos: Refletir sobre os direitos da mulher; Divulgar resultados da Conferência de Pequim Participantes: 160 Mulheres
5º Encontro de Mulheres 07/ 03/97	Tema: Políticas públicas e Cidadania Objetivo: Discutir e propor alternativas que contribuam para a formulação de políticas sociais, voltadas aos interesses das mulheres. Oficinas: - Saúde ; - Geração de renda; - Violência/ segurança; - Infra -estrutura/ saneamento básico; - Políticas/ programas dirigidos às mulheres Participantes: 80 mulheres
6º Encontro de Mulheres 08/ 03/99	Tema: Mulheres na luta: Abrindo espaços, gestando a cidadania Objetivos: Dar continuidade à reflexão e as proposições sobre as políticas sociais, na ótica de gênero. Participantes: 130 mulheres
7º Encontro de Mulheres 11/ 03/00	Tema: A presença da mulher na construção do novo milênio Objetivos: Dar continuidade à reflexão e as proposições sobre as políticas sociais, na ótica de gênero. Participantes: 100 mulheres
8º Encontro de Mulheres 06/ 03/01	Tema: Mulheres em Fórum , mostrando nossas caras Objetivos: Refletir sobre a importância da organização das mulheres a partir da realidade dos grupos de mulheres em São Leopoldo. Participantes: 51 mulheres
9º Encontro de Mulheres 20/ 03/02	Tema: Gênero, Violência e Políticas públicas Objetivos: Provocar uma reflexão sobre as políticas públicas, em especial as políticas públicas de gênero, e também intensificar a reflexão em torno da organização das mulheres para defesa dessas políticas. Participantes: 61 mulheres

Quadro organizado e atualizado pelo Serviço Social/Assessoria a Movimentos de Mulheres/Unisinos, como documentação para preservação da memória dos eventos (2004).

ção popular com as mulheres. Nessa ótica, os temas abordados e toda a preparação que envolvia essa programação tinha a participação efetiva desse segmento.

Observa-se que os primeiros encontros giravam em torno da socialização das experiências entre as mulheres e entre os grupos, evoluindo, posteriormente, para uma reflexão do contexto mais amplo em que se insere sua mobilização e ação coletiva, procurando seus elos históricos com os primeiros movimentos de mulheres e feminista. Foi, todavia, um processo lento, que amadureceu com o tempo, alternando a participação nos pequenos grupos, com atividades de sobrevivência, reivindicações de serviços urbanos, até os encontros gerais.

Os temas Direitos e Cidadania foram ganhando espaço na agenda das mulheres muito lentamente, pois muitas sequer conheciam seus direitos humanos e constitucionais. Dessa forma, o Serviço Social procurou trabalhar a mediação, aqui entendida como movimento, passagem, de uma forma de ver o mundo para outra, onde pelo encontro, pela reflexão e ação permanente em torno de problemáticas do cotidiano, as mulheres foram forjando a consciência do direito a ter direitos. E foram construindo um protagonismo em torno da cidadania, de baixo para cima, ensaiando uma participação mais ampla, como pode-se observar quando se preparam para a Conferência de Beijing, mesmo sem a intenção e a possibilidade de irem até a China. E, após esse importante evento, promovem em 1996 um grande encontro, com a presença de feministas e educadoras populares do Estado que participaram como delegadas daquele evento internacional. Como percebe-se no quadro, o número de participantes superou as nossas expectativas.

Esse encontro, sem dúvida, foi um marco, até pela identificação que houve entre as mulheres participantes com uma das delegadas que falou sobre a participação na conferência paralela de Beijing. Ela era negra, empregada doméstica e em seu relato, salientou o esforço e as dificuldades que encontrou para chegar à China, enfatizando que a obstinação e a consciência do direito de participar teriam sido os maiores aliados para que, naquele momento, ela pudesse narrar, como protagonista, a história de mais uma conquista.

A partir desse encontro, elas passam a construir uma agenda pública, contemplando uma pauta geral, com reivindicações e propostas específica das mulheres participantes e, outra, com reivindicações gerais das comunidades locais de onde os grupos provinham. Finalmente, em 2000, criam o FMSL, que, em nossa análise figura como constituído nesse processo de educação popular, representando uma síntese qualitativa dessa mobilização que agora apresenta os primeiros indícios de sua constituição em sujeitos coletivos.

É importante ressaltar que, a partir da criação do FMSL – proposição do 7º encontro – instaura-se um perí-

odo de transição que vai alterar esse movimento. Os encontros que até essa data eram coordenados pelo Serviço Social, a partir de março de 2001 passam a ser organizados pelo Fórum. O Serviço Social e demais entidades parceiras mantêm a assessoria e o apoio de sempre.

Em 2003, em razão de um certo esvaziamento dos encontros em relação à participação anterior – no quadro observa-se um decréscimo quantitativo dessa participação – o Fórum altera essa programação, investindo em outra modalidade de ação que objetiva a abrangência de um maior segmento populacional. Na leitura do Serviço Social, embasada na assessoria continuada a esses encontros e aos grupos de mulheres, esse decréscimo da participação, explica-se pela transição realizada, tanto pela criação do Fórum, como na troca na coordenação dos encontros, o que repercute inicialmente na forma de organização e depois na relação com as mulheres, que até 2000 tinha predominantemente a marca das assessorias. Após esse período, é o próprio movimento, que, agora num outro processo, de constituição de identidade coletiva, constrói sua autonomia. As assessorias e, no caso específico, o Serviço Social, também redefinem o seu papel no sentido de interpretar e apoiar a nova e tão sonhada organização. Como diz Palma, (1993), nossa convicção é de que “devemos apoiar e nunca substituir a base organizada”.

Por outro lado, no quadro dois, pode-se perceber que outros contextos influenciam na mobilização, como a retração da Cáritas Diocesana e Paroquial que, até o final da década de 1990, cumpria importante papel junto aos grupos. Ademais, consideramos normal que, após dez anos de ação haja um certo desgaste de qualquer processo que, no caso, foi superado, uma vez que resultou em um avanço na organização.

O Fórum, a partir daí, dá início a uma nova ação de sensibilização das mulheres e da população em geral em torno do dia 08 de março, numa atuação no centro da cidade e em alguns bairros, produzindo material gráfico informativo e de denúncia das discriminações e opressões vividas pelas mulheres em São Leopoldo. Ampliam também essa ação com a mobilização em torno da violência doméstica e de gênero sofrida pelas mulheres. Assim, ao mesmo tempo em que divulgam o FMSL, denunciam a realidade opressora e negadora dos direitos e a ausência e/ou a ineficácia das políticas públicas municipais.

O Serviço Social soma-se à nova iniciativa e reforça o processo de educação popular feminista já em curso e considerada pelas mulheres uma demanda sempre necessária. Promove uma extensa programação, descentralizada para as comunidades, porém mantendo o mês de março como referência. O evento *Protagonismo, Educação e Gênero*, atualmente na 3ª edição, tem como objetivo “Educar para não discriminar, enfocando a importância da proposição de políticas públicas na perspectiva de gênero” e a ne-



cessidade de controle social por parte das mulheres, especialmente o FMSL, enquanto movimento de ação-reflexão-ação permanente e tão necessário nesse campo.

Síntese dos processos e contextos em que se constrói o protagonismo das mulheres em São Leopoldo

Toda a mobilização das mulheres em torno dos anos 90 em nosso município teve, ainda, a influência da conjuntura mais ampla em relação à organização da sociedade civil no Brasil. Gohn, (2005), identifica nessa época uma ampliação da sociedade civil e a emergência de uma multiplicidade de atores que almejam a cidadania. No movimento feminista não é diferente. Há um

reconhecimento da pluralidade/diversidade entre as mulheres e grupos/movimentos; surgimento de casas de apoio e casas-albergue para mulheres em risco de violência; surgimentos de redes feministas que articulam grupos e entidades (saúde, parto humanizado, violência contra a mulher, educação popular feminista); movimento de mulheres ganha espaço nas diversas conferências da ONU, questionando os atuais paradigmas de desenvolvimento, articulação com ambientalistas e defensores dos direitos humanos; 5ª Conferência da ONU sobre a Mulher, em Beijing (Carreira et al., 2001, p. 207-208).

Embora fuja aos objetivos desse texto o aprofundamento dessa relação, esse registro torna-se importante, uma vez que, na assessoria, nossa metodologia buscou sempre essa relação entre as dimensões local e global e a particular e universal. Os encontros foram mediações importantes dessa forma de pensar e incidir na realidade social excludente.

Dando seguimento ao resgate histórico da trajetória das mulheres organizadas no FMSL, delineamos no Quadro II os contextos locais em que se moveram essas mulheres e as forças sociais mais atuantes.

Perspectivas atuais do protagonismo

Atualmente, numa nova correlação de forças construídas no município, temos um novo governo compos-

to pela Frente Popular Humanista, constituída pelos partidos PT, PHS, PSB, PC do B, PV e PL, que anuncia novas ações, entre elas a Coordenadoria da Mulher. Essa instância, no dia 08 de março último, divulgou a implantação de políticas prioritárias na área, como a formação de uma rede de serviços contra a violência sobre a mulher e de gênero; a constituição do Conselho Municipal; a implantação de um centro de referência da mulher; entre outras. É uma nova conjuntura, fruto também dessa movimentação popular e feminista que, aliando reivindicação/proposição/ocupação de espaço, buscam empoderar-se para incidir também na transformação das relações sociais desumanizantes.

Como desafio para nós, está colocada a necessidade de compreender e analisar a nova conjuntura e avaliar as perdas e os ganhos das mulheres nesse processo. O FMSL, atento, já está em processo de reconfiguração e atualização de suas demandas e prioridades.

Em São Leopoldo, o Serviço Social acompanhou várias transformações desse movimento de mulheres, fomos parceiras nas vitórias e também em contextos desfavoráveis. Transformamo-nos mutuamente como pessoas, como grupo, crescemos em humanidade, “afinando instrumentos”, tendo como proposta uma cidade de todas as pessoas que aqui vivem, trabalham e sonham com dias melhores. Provamos que todas juntas podemos mais. Aprendemos a nos apresentar e representar de forma autônoma e cidadã. Criamos no Fórum e em outros lugares que vivemos novos jeitos de ser, estamos aprendendo a conviver! O que nos propomos daqui para a frente é que continuemos a mudar!

Como profissão, somos desafiadas continuamente pela questão social a nos repensar e a contribuir na emancipação da população usuária dos serviços sociais. Como mulheres e por motivações outras, para além do trabalho profissional, exercemos a militância diária, incansável e articulada à sociedade civil organizada ou em processo de se organizar. Em movimento, continuaremos em todos os lugares que julgarmos possíveis de sonhar e de realizar, aprendendo, com Antônio Gramsci, a “guerra de movimento” e a “guerra de posição”, como forma de resistir e criar “um novo mundo possível”. Mudar sempre, não desistir, e, sobretudo, lembrar o ensinamento desse pensador e militante italiano, ensinando que o “pessimismo da razão” dos intelectuais não nos faça prescindir de nos articularmos permanentemente e dialeticamente com o “otimismo da vontade” das massas.

Quadro II – Síntese dos processos e contextos locais.

Contexto 1 – Década de 90	- Processo de mobilização comunitária das mulheres nos chamados grupos de mulheres. Forte presença das Igrejas (predomínio Igrejas Católica e IECLB). - Inserção do Serviço Social – Extensão Universitária/Unisinos junto aos grupos de mulheres. - Presença do Coletivo Feminista - Principais <i>demandas sociais</i>: saúde (melhoria do atendimento nos postos, ampliação do número de profissionais da saúde, formação de agentes de saúde, atenção à saúde sexual e reprodutiva...) políticas de combate ao desemprego (formação de cooperativas (reivindicação de crédito, formação, assessoria técnica...) combate à violência institucionalizada (preocupação com idosos(as), violência doméstica e contra crianças e adolescentes, drogadição, entre outras). - Demandas para o Serviço Social: formação de educadores(as) pelos(as) agentes de pastoral. Acompanhamento a grupos de mulheres da Cáritas da Paróquia Santo Inácio e grupos ligados a IECLB (Vila Antônio Leite/Campina). Assessoramento a trabalhos de educação popular com crianças e adolescentes. Assessoria e Formação de educadoras para creches comunitárias. Assessoria nos chamados “Encontro de Mulheres”. Proposição e coordenação dos encontros de mulheres a partir 1992. - Diálogos com Legislativo: Participação nas Sessões Especiais da Câmara alusivas ao 08 de março – Dia Internacional da Mulher - e 25 de novembro – Dia Internacional da Não-Violência contra a Mulher. - Tentativas frustradas de diálogo com o Executivo. No final da década entra em declínio a influência das Igrejas nesse campo.
Contexto 2 – 2000	2000 a 2004 - Criação do Fórum de Mulheres de São Leopoldo (FMSL) em maio de 2000 – Impacto do VII Encontro de Mulheres que deliberou a necessidade dessa organização, conforme quadro I. - Refluxo do trabalho social realizado pelas pastorais populares das Igrejas Católica e IECLB. Caritas Paroquiais e Diocesanas em crise; limites da inserção pastoral junto aos grupos de mulheres, causando forte impacto nesse tipo de organização, cuja mobilização comunitária enfraquece. - Presença destacada de Organizações Não-Governamentais: CECA (Promotoras Legais Populares – PLPs), COL (Projeto sobre Desenvolvimento Regional); ASPA (DST/AIDS) e PROAME. - Fórum de Mulheres se solidifica e pauta as <i>políticas públicas municipais na perspectiva de gênero</i>, elegendo prioridades como: políticas de combate à violência contra as mulheres, formação de redes, liderança de gênero. - Diálogo com Legislativo (Incidência na elaboração de projetos como: Conselho Municipal dos Direitos da Mulher, política de combate a violência contra a mulher e outras proposições relativas a orçamento e participação política). - Demandas para o Serviço Social: Formação em Educação Popular Feminista (Cursos de Liderança de Gênero, Oficinas sobre Políticas Públicas e Gênero, Eventos como o Protagonismo, Educação e Gênero, Assessoria a programas de Geração de Renda). - Intensificação do diálogo com o Legislativo: aprovação de projetos de lei em torno de políticas públicas locais.
Contexto 3 – 2005	- Novo contexto político com a vitória da Frente Popular Humanista em 2004. - Criação da Coordenadoria da Mulher, que anuncia a implementação de várias políticas que vinham sendo reivindicadas pelo Fórum de Mulheres. - Ocupação de espaço público por lideranças que antes constituíam o FMSL. - Reconfiguração do FMSL visando o empoderamento e o controle social das políticas públicas em curso.

Quadro construído pela autora para compor o artigo.

Referências

- AJAMIL, M. 1995. A visão de gênero na cooperação internacional: trajetória histórica e perspectivas. In: M.G. R NEVES e D.C. MARTINS (org.), *Gênero e desenvolvimento institucional em ONGs*. Rio de Janeiro/Madrid, IBAM/ENSUR/NEMPP / Instituto de la Mujer.
- CARREIRA, D.; AJAMIL, M. e MOREIRA, T. 2001. *Mudando o mundo: a liderança feminina no século 21*. São Paulo, Cortez / Rede Mulher de Educação.

- DOIMO, A.M. 1995. *A voz e a vez do popular: movimentos sociais e participação política no Brasil pós-70*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará/ANPOCS.
- GOHN, M. da G. 2005. *O protagonismo da Sociedade Civil: Movimentos sociais ONGs e Redes Solidárias*. São Paulo, Cortez. (Coleção Questões da Nossa Época; v.123).
- LOPES, J.B. 1999. A Relação Serviço Social – Movimento Social: Indicações para um Estudo. *Serviço Social & Movimento Social*, 1(1):7-20.
- PALMA, D. 1993. *A prática política dos profissionais: o caso do Serviço Social*. 2ª ed., São Paulo, Cortez.
- SADER, E. 1988. *Quando novos personagens entraram em cena: experiências*



riências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-80. Rio de Janeiro, Terra e Paz.

ZIEBELL, C.R. 2000a. Gênero e Direitos Humanos. In: C.P. PIRES; I.M. KEIL; P.P. de ALBUQUERQUE; S.E.A. VIO-LA (orgs.), *Direitos Humanos Pobreza e Exclusão*. São Leopoldo, ADUNISINOS, p. 135-142.

ZIEBELL, C.R. 2000b. Mulheres na luta por educação: desven-dando o protagonismo. In: M.N. STREY; F. MATTOS; G. FENSTERSEIFER e G. WERBA. (orgs.), *Construções e pers-pectivas em gênero*. São Leopoldo, Editora Unisinos, p. 207-226.

ZIEBELL, C.R. e CONSUL, W.F. 2000. A práxis do Serviço Social da UNISINOS junto a mulheres em São Leopoldo. In: V.L. BEMVENUTI (org.), *Cadernos de Extensão I*. São Leopoldo, UNISINOS, p. 29-36.

ZIEBELL, C.R. 2001. Mulheres e Educação: saberes da práxis. In: 24ª Reunião da ANPED, *Anais...* CD-Rom, 2001.

Fontes

FALEIROS, V. de P. 1996. Serviço Social: questões presentes para o futuro. *Revista Social e Sociedade*, 50:9-39.

ZIEBELL, C.R. 2004. *Registro de Campos. Serviço Social – Assessoria a Movimentos de Mulheres*. São Leopoldo, Unisinos.

ZIEBELL, C.R.; DEUTRICH, A.K. e STRAUSS, M.B. 2003. O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo. *Cadernos IHU Idéias*, 1(2).